



TENSÃO NAS AMÉRICAS

EUA ampliam cerco naval a Maduro

Guarda Costeira dos Estados Unidos persegue petroleiro que navegaria com bandeira falsa, no Mar do Sul do Caribe, depois de abordagem na véspera. Ditador venezuelano acusa Washington de pirataria e promete aprofundar a revolução

» RODRIGO CRAVEIRO

A Guarda Costeira dos Estados Unidos perseguiu, ontem, um petroleiro próximo à costa da Venezuela, no Mar do Sul do Caribe. Na véspera, os militares abordaram a embarcação e constataram que ela navegava rumo ao país de Nicolás Maduro com uma bandeira inválida, supostamente para receber um carregamento de petróleo. Com um mandado de apreensão emitido por um juiz federal americano, tentavam nova interceptação, depois que o navio recusou-se a permitir o embarque dos militares.

O site Marine Traffic mostrou que, na tarde de ontem, o petroleiro, identificado pelo nome Bella 1, estava nas imediações de Antigua e Barbuda e se deslocava a uma velocidade de 2,9 nós — o equivalente a 5,3km/h — em circunstâncias normais, um petroleiro navega a 17 nós. Com 333m de comprimento, o Bella 1 ancorou pela última vez no Porto de Suez, no Egito, em 26 de novembro. A medida sinaliza uma intensificação do cerco naval ao regime venezuelano.

O Bella 1 alvo de sanções impostas pelo Departamento do Tesouro em 2004, por supostamente transportar carregamentos para o grupo fundamentalista xiita libanês Hezbollah e para a Força Quds, o batalhão de elite da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã.

Sem citar diretamente os EUA, Maduro afirmou que seu país é vítima de “corsários que assaltaram petroleiros”. “É muito importante saber a diferença entre piratas e corsários. Os piratas existiram e eram grupos privados que se dedicavam, nos mares do mundo, a roubar. Os corsários são piratas contratados por um Estado imperial”, declarou, em pronunciamento por vídeo publicado em seu perfil no Instagram.

De acordo com ele, a Venezuela enfrenta 25 semanas de uma “campanha de agressão, que inclui terrorismo psicológico e pirataria dos corsários, que roubaram o petróleo”. Maduro assegurou que seu país está preparado “para acelerar a marcha de uma revolução profunda, que dará o poder ao povo”. No vídeo, Maduro usa um boné vermelho e branco, similar ao do presidente dos EUA, Donald Trump, mas com a frase “Não à guerra, sim à paz”, em inglês.

Hakon Rimmereid



O petroleiro Bella 1 foi abordado pelos militares norte-americanos no sábado, próximo à Antigua e Barbuda, no Mar do Sul do Caribe

AFP



Helicóptero da Guarda Costeira sobrevoando o petroleiro Centuries

O Bella 1 foi o terceiro navio abordado pelos militares norte-americanos desde 16 de dezembro, quando Trump anunciou um “bloqueio total e completo aos petroleiros sancionados que entram e saem da Venezuela”. Também no sábado, outra embarcação de transporte de petróleo, o Centuries, tinha sido apreendido pelos EUA depois de carregar 1,8 milhão de barris em um porto da Venezuela.

Delcy Rodríguez, vice de Maduro, qualificou a interceptação do Centuries de “ato de pirataria

internacional”. “A República Bolivariana da Venezuela denuncia e rejeita o roubo e o sequestro de um petroleiro privado venezuelano, bem como o desaparecimento de sua tripulação, realizado pelos Estados Unidos em águas internacionais”, afirmou, por meio de um comunicado. “O modelo colonialista que os EUA buscam impor por meio de tais práticas fracassará e será derrotado pelo povo venezuelano”, acrescentou. O regime de Maduro prometeu levar o caso ao Conselho de Segurança

Instagram



Maduro: “Os corsários são piratas contratados por um Estado imperial”

da Organização das Nações Unidas e a outros organismos multilaterais.

Orlando Vieira-Blanco — ex-diplomata venezuelano e analista político — disse ao **Correio** que as apreensões de petroleiros são “uma consequência de anos de sanções provocadas pela violação dos direitos humanos e de crimes internacionais — como contrabando, pirataria e lavagem de dinheiro”. “São, também, uma resposta à evasão de sanções por meio de empresas de fachada, operações ou embarcações.”

Compensação

Ex-presidente da Palmaven, filial da estatal petrolífera PDVSA na área da responsabilidade social, Eddie Ramírez lembrou à reportagem que, inicialmente, Trump declarou que capturaria os navios sancionados que transportam petróleo venezuelano. “Isso se justifica porque não se sabe o que mais esses navios piratas poderiam estar transportando e, além disso, provavelmente não possuem seguro, o que é um problema,

Eu acho...

"A apreensão dos petroleiros é consequência do maior saque republicado da história do país, e de uma ameaça real à estabilidade do hemisfério. É o resultado da destinação do petróleo dos venezuelanos aos bolsos de aliados anti-Occidente e da corrupção. É um passo crucial para a reforma de uma ordem pública internacional, que não pode tolerar o abuso contínuo das águas internacionais."

Orlando Viera-Blanco, ex-diplomata venezuelano, cientista político e colunista do jornal EL Universal



Foto: Arquivo pessoal

"Tenho confiança de que essa pressão provocará a reação da nossa Força Armada

Nacional Bolivariana, a qual obrigará Nicolás Maduro a reconhecer a eleição de Edmundo González. Vale recordar que, apesar do pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Maduro não publicou as atas de votação, pela simples razão de que perdeu o pleito por ampla maioria."

Eddie Ramírez, ex-presidente da Palmaven, filial da estatal de petróleo PDVSA na área da responsabilidade social



ORIENTE MÉDIO

Israel aprova mais 19 colônias

O governo israelense anunciou a aprovação de outros 19 assentamentos na Cisjordânia ocupada, com o objetivo de impedir a criação de um “Estado palestino terrorista”, em um contexto de intensificação da colonização desde 7 de outubro de 2023.

Com a medida, o total de assentamentos autorizados nos últimos três anos chega a 69, segundo um comunicado divulgado pelos assessores do ministro das Finanças, Bezalel Smotrich. Há poucos dias, as Nações Unidas alertaram que o crescimento das colônias israelenses na Cisjordânia — consideradas ilegais à luz do direito internacional — atingiu seu maior ritmo desde pelo menos 2017.

O gabinete aprovou a proposta do ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, e do ministro da Defesa, Israel Katz, de declarar e

formalizar 19 novos assentamentos em Judeia e Samaria”, informou o gabinete de Smotrich, utilizando a terminologia habitual em Israel para se referir à Cisjordânia, ocupada desde 1967.

Smotrich, colono e expoente da direita nacionalista religiosa, admitiu que a iniciativa visa sabotar a criação de um Estado palestino. “No terreno, estamos bloqueando a criação de um Estado palestino terrorista. Continuaremos desenvolvendo, construindo e povoando a terra de nossa herança ancestral, declarou o ministro.

Além de Jerusalém Oriental, parte de maioria árabe ocupada e anexada por Israel, mais de 500 mil israelenses vivem atualmente nas colônias na Cisjordânia, ao lado de três milhões de palestinos.

Das colônias apresentadas ontem, cinco são assentamentos

existentes há anos, ou seja, implantadas em território palestino sem as permissões necessárias das autoridades israelenses.

“Valor estratégico”

As 19 colônias estão em áreas “de alto valor estratégico”, destacaram os serviços do ministro Smotrich. Duas delas, Ganim e Kadim, no norte da Cisjordânia, serão reinstaladas após terem sido desmanteladas há duas décadas.

Desde que Israel tomou a Cisjordânia, em 1967, a colonização avançou sob todos os governos, tanto de esquerda quanto de direita. Intensificou-se com o atual governo de Benjamin Netanyahu e, principalmente, desde o início da guerra em Gaza, deflagrada pelo ataque do movimento Hamas em Israel em 7 de outubro de 2023.

Hazem Bader/AFP



Belém volta a celebrar o Natal, dois anos depois

Depois de dois anos, desde o início da guerra na Faixa de Gaza, cristãos tornaram a visitar Belém, na Cisjordânia. O local abriga a Basílica da Natividade, construída sobre a gruta (**foto**) onde se acredita que serviu de local para o nascimento de Jesus Cristo. Há duas semanas, a cidade acendeu a famosa árvore de Natal, cerimônia que não foi realizada em 2023 e em 2024. Milhares de turistas e moradores de Israel e da Cisjordânia costumam viajar até Belém para experimentar o espírito natalino na fonte da festa cristã.

» Recorde de execuções na Arábia Saudita

Ativistas denunciaram um número recorde de execuções de prisioneiros, por parte da Arábia Saudita, desde o início dos registros. Diretor jurídico da Organização Saudita Europeia pelos Direitos Humanos (ESOHR), Taha Al-Hajji afirmou ao **Correio** que, em 2024, o país havia realizado 345 execuções, número sem precedentes. “Neste ano, o reino saudita continua a quebrar recordes, com 347 execuções. Isso confirma a abordagem sangrenta e a brutalidade do governo, bem como o seu desprezo pela vida.” As estatísticas mostram que a maioria das execuções envolveu crimes não considerados “gravíssimos”. “A maior parte foi por acusações envolvendo drogas ou questões políticas”, disse Al-Hajji.